

RAZÃO & FÉ

MARCIO HORTA

Constatamos que as comunidades científica e religiosa estão hoje absolutamente apartadas – nem sempre geograficamente (como nesta PUC), mas decerto espiritualmente. Este escrito pretende contribuir para o entendimento de como esse estado de coisas efetivou-se. Ao nosso ver dois eventos marcaram a ruptura definitiva das duas comunidades: a publicação de “A Origem das Espécies” por Darwin em 1.859 e a primeira viagem do homem à Lua, em julho de 1.969.

Tradicionalmente a história da filosofia reconhece o início deste processo no século VI a.C., com os físicos gregos, particularmente Tales. O acordo de não apelar aos deuses e considerar em suas explicações apenas as entidades materiais pode não ser encontrado caso a caso, quando se estuda o pensamento dos naturalistas pré-socráticos. Porém foram os próprios gregos que atribuíram a esse partido de idéias essa orientação geral. Platão, no livro 10 das Leis a reconhece, escrevendo que:

“pela natureza e pelo acaso, dizem, fogo e água e terra e ar todos existem – nenhum deles existe por arte – e os corpos que vêm a seguir – a Terra, o Sol, a Lua e as estrelas – foram gerados por estes meios totalmente sem alma: coisas que se movem por acaso, cada qual pelo

Marcio Horta é pós-graduando em filosofia da PUC/SP.

seu próprio poder, como por acaso se combinam de algum modo umas com as outras – o quente com o frio ou o seco com o úmido ou o duro com o macio e todas essas coisas que através da mistura dos opostos formaram, por acaso, uma intermistura forçada. Deste modo e destas maneiras o céu inteiro e tudo que a ele pertence foi gerado, e além disso, todos os animais e plantas, todas as estações foram geradas por estas mesmas coisas, não pela inteligência, dizem, não por um deus, não por arte, mas pelo que estamos mencionando: pela natureza e pelo acaso”¹.

Com efeito, é essa impressão que produz em nós a leitura isolada e assistemática de alguns escritos dos naturalistas (como provavelmente foram popularmente lidos). Xenófanes de Colofão (570/528 a.C.) ao escrever sobre os deuses sustenta que:

“os mortais acreditam que os deuses são gerados, que como eles se vestem e têm voz e corpo. Mas se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões e pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens, os cavalos semelhantes aos cavalos, os bois semelhantes aos bois, desenhariam as formas dos deuses e os corpos fariam tais quais eles próprios têm”

e mais:

“os egípcios dizem que os deuses têm nariz chato e são negros, os trácios, que eles têm olhos verdes e cabelos ruivos”².

Já Heráclito de Éfeso (540/470 a.C.), ao pronunciar-se sobre a origem do mundo, abandona a criação:

“este cosmos, o mesmo de todos os seres, nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas”².

Empédocles de Agrigento (490/435 a.C.), ao tematizar a geração e a corrupção, parece defender um materialismo puro:

“não há criação de nenhuma dentre todas (as coisas) mortais, nem algum fim em destruidora morte, mas somente mistura e dissociação das (coisas) misturadas é o que é, e criação isto se denomina entre homens”².

Os atomistas, em particular Leucipo e Demócrito teriam alcançado sem reservas essa atitude radicalmente naturalizante. Muito difundida estava também a opinião de que os deuses existem, mas não se importam com os homens nem interferem na regularidade do cosmos. A imensa popularidade que desfrutou o epicurismo (não só na antiguidade) é uma prova cabal desta afirmação.

A essa tendência ímpia e materialista opôs-se Platão, organizando uma filosofia que conciliava os êxitos da pesquisa empírica da ciência astronômica grega com as tendências religiosas que o orfismo e o pitagorismo desposavam, um misto das religiões grega, hindu e, a se crer em Heródoto (Hist. II, 123), também egípcia, caldeia, etc. Dentre as contribuições obtidas no estrangeiro a crença na reencarnação é a que terá um papel central: surgida na Índia em data desconhecida, foi assimilada pelos principais sistemas religiosos originados neste país, até quando passaram a ser escritos – portanto, para nossas finalidades, é conveniente traçar um resumo do que lá se deu, após a invasão ariana.

Por volta de 1.800 a.C. iniciou-se no Punjab a entrada de populações de cor branca e belicosas, adoradoras do deus “Indra” – definido em algum momento como o “deus nascido para o extermínio dos dasyu”³, ou seja, da população negra autóctone. Inicialmente o bramanismo vitorioso apresentou-se sem concessões ao pensamento religioso das populações dominadas, porém com o tempo houve um sincretismo que levou a um esquema justificador da superioridade branca. No primeiro momento a religião védica apresentava uma escatologia onde o deus, após a morte, recompensava os bons com uma encarnação no reino luminoso da Lua, enquanto os maus eram lançados num miserável reino das trevas. No segundo momento o sistema incorporou a crença na reencarnação, com vistas à elaboração de uma teodicéia que permitisse explicar as desigualdades terrenas. Os bons continuaram indo para a Lua, mas apenas por determinado tempo, ao cabo do qual reencarnariam na Terra em condições correspondentes aos seus méritos. Os maus sofriam no além e retornavam de acordo com seus deméritos. Por esse novo esquema um sacerdote brãmãne podia explicar a um negro dominado que sua condição miserável não se devia ao deus, que era inocente e justo, mas era a contrapartida de sua maldade na encarnação anterior. Particularmente importante para nós é a crença que o prêmio por uma vida justa seria uma *reencarnação no reino luminoso da Lua*, corpo celeste este que desde então será objeto de desejo da humanidade³.

É amplamente sabido que Pitágoras sustentou a doutrina da palingenesia, e disso dão-nos testemunho Xenófanes (fragmento 7) e

Diógenes Laécio (VIII, 4-5), esse último sustentando que Pitágoras teria recordado quatro de suas encarnações anteriores. Sabemos também que, para o orfismo, a qualidade dos renascimentos estava condicionada à justiça do comportamento individual. No diálogo *Mênon* (81a) Platão introduz essa crença em sua filosofia e, em *Fédon* (70c-72e) nas provas da imortalidade da alma. O “mito de Er”, na *República* (614b-621b), se tornará um dos mais influentes textos sobre esse tema, graças à sua excepcional elaboração. No *Fedro* (249a) e no *Timeu* (42b-c e 91e) a inspiração órfica é nítida, nos quais a qualidade dos renascimentos está ligada ao desempenho justo ou injusto⁴. Nesse último diálogo lemos quanto à organização do cosmos pelo Demiurgo e da distribuição que faz das almas. Escreve Platão:

“Depois de composto o conjunto, dividiu-o em tantas almas quantos astros havia, designou uma alma para cada astro, e, havendo-as colocado como num carro, ensinou-lhes a natureza do cosmo e lhes comunicou as leis inevitáveis, segundo as quais a primeira encarnação seria igual para todos, a fim de que nenhum se sentisse prejudicado. Semeou cada uma no instrumento do tempo mais apropriado para ela (Platão chama de “instrumentos do tempo” a Lua, o Sol e os cinco planetas ou estrelas errantes conhecidos no seu tempo), a fim de tornar-se o mais religioso de todos os seres vivos ... viveriam na justiça (os que dominassem as paixões), e os que se deixassem dominar por elas, na injustiça; quem vivesse bem todo o tempo para eles concedido, voltaria a morar na sua estrela nativa, onde passaria uma existência feliz e congenial, e quem falhasse nesse ponto, no segundo nascimento passaria para uma natureza feminina; e se em tal estado ainda continuasse a ser maldoso, a cada nascimento novo, de acordo com a natureza de sua depravação seria transformado no animal cuja natureza mais se aproximasse de seu caráter, não vindo a parar suas atribulações com essas mudanças enquanto não permitisse que a revolução do Mesmo e do Semelhante dentro dele arrastasse em seu curso toda a massa de fogo de água de ar e de terra que nela se acumulara por último. Sem dominar, por meio da razão, essa turbulência irracional, não viria a readquirir nunca a excelência de sua primitiva condição.

Depois de lhes haver dado a conhecer todas essas determinações, para eximir-se de qualquer responsabilidade da ruindade futura de alguns deles, semeou uns tanto na terra, outros na lua e outros nos demais instrumentos do tempo.”⁵

Particularmente notável é o acréscimo de corpos celestes habitados, alvos da promessa platônica de bem aventurança, multiplicação essa devida

ao avanço da astronomia grega com relação à hindu. Já a criação das espécies animais é um descenso, devido a uma punição dos deuses que não toleram a estupidez masculina, geradora de injustiças. Aqueles que foram pusilânimes ou injustos em seu segundo nascimento são metamorfoseados em mulheres. Tornam-se pássaros os astrônomos práticos e empiristas (tal como fez Michelângelo, que desenhou um adversário no inferno numa obra de arte que tematizava o outro mundo, Platão condena seus desafetos teóricos à queda). Animais ferozes serão os que não gostam de filosofia ou astronomia, e que prezam as honrarias. Dentre estes os mais atrasados voltarão como serpentes. Por fim, os peixes são os mais estúpidos e ignorantes dentre todos os homens decaídos. Segundo Platão:

“Tais são os princípios segundo os quais, tanto hoje como antes, os seres vivos se transformaram entre si, mudando de lugar conforme a perda ou aquisição de inteligência ou de estupidez”⁵.

O neoplatonismo antigo deu continuidade a essa tendência de reorganizar a religião, ferida duramente com o advento do naturalismo. O espírito platônico de associar a filosofia à religião sofreu seu mais duro revés na Roma antiga, onde a grande popularidade que subitamente recebeu o cristianismo sufocou as escolas neoplatônicas, que acusavam a nova religião de bárbara. Todavia essa tendência tornou-se predominante e as filosofias de inspiração platônica tiveram de esperar um renascimento.

Com a crise que atingiu o cristianismo, gerado pela reforma protestante e pela revolução científica (de Copérnico a Newton), o neoplatonismo voltou de fôlego renovado. É amplamente conhecido o contencioso que se instalou entre a ciência, especialmente Bruno e Galileu, e a religião, representada pelo Cardeal Roberto Bellarmino, inquisidor ligado à Igreja Católica. Não pretendo deter-me nesse episódio, visto pretender contribuir com algo de novo nessa discussão. Foi o espiritismo moderno, criado por Swedenborg que reorganizou a mística cristã – fortemente ligada aos novos avanços da astronomia, e foi Allan Kardec que, introduzindo nele o antigo dogma da reencarnação, procurou dar novo fôlego ao cristianismo e às suas revelações, organizado agora como um neoplatonismo. Seria um erro acreditar que esses movimentos foram de alguma forma “marginais” ao seu tempo. Quem assim pensa incorre nos prejuízos de perspectiva historicista, avaliando o passado com os olhos de hoje, quando a cisão entre as comunidades científica e religiosa já está completada. Tais movimentos contaram com a nada discreta simpatia das classes artísticas e intelectuais de seu tempo que, entusiasticamente, contavam com a confirmação dos conteúdos

revelados no futuro⁶: Vitor Hugo, Honoré de Balzac, Camille Flammarion, etc., figuravam entre aqueles que aderiram à “ciência revelada”. É ao fracasso notório dessas previsões e à educação pública nos países europeus que se deve o abandono a que essas doutrinas lá foram relegadas. Não se pode negar que tiveram todas as chances, e a separação não se deve apenas à bem sucedida atividade científica (como habitualmente é apresentada, especialmente por T. S. Kuhn), mas também ao escandaloso fracasso da religião em todas as suas reorganizações. Consideremos então este episódio:

Em 1.758 Swedenborg, importante cientista sueco educado dentro do newtonismo, faz publicar em Londres um livro que podemos considerar como sendo o inaugurador do espiritismo moderno, denominado “O Céu e Suas Maravilhas e o Inferno”⁷. Divide-se este em três partes: “O Céu”; “O Mundo dos Espíritos” (é este segundo bloco, tomado isoladamente, que considero originador) e “O Inferno”. Publica vasta obra de cunho místico, na qual considerarei de particular importância para os fins deste escrito “Dos Planetas e Anjos”⁸ que, mesclado com a primeira delinea claramente o novo pensamento. Segundo Swedenborg o mundo dos espíritos é um lugar e um estado intermediário entre o Céu ou o Inferno. Para lá o homem é enviado após a morte e, num tempo nunca superior a trinta anos recebe a recompensa ou o castigo, de acordo com a vida devota que levou. Acerca de tão excepcional conhecimento, conta-nos Swedenborg que ele foi obtido porque Deus permitiu que ele conversasse com espíritos e anjos e visse as coisas que no mundo deles acontece. Ele vê e conversa também com homens ainda encarnados noutros planetas (isso é possível porque o homem é essencialmente espírito e vive rodeado deles), antes que morram e se tornem espíritos e sejam salvos e se transformem em anjos. Essas entidades lhe revelam que todos os planetas e satélites são habitados por seres humanos que, com sua morte aumentam o contingente de espíritos e depois de anjos ou desgraçados. Fazem-no por gozarem alguns de ampla liberdade no mundo espiritual viajando de um planeta a outro, de um sistema solar a outro e por todo o universo. Escreve Swedenborg:

“existem espíritos cuja única ocupação é a aquisição de conhecimento, encontrando nela seu único consolo; permite-se a estes espíritos vagar e inclusive passar deste sistema solar a outros para adquirir sabedoria ... estes espíritos, que tais coisas me disseram, vieram do planeta Mercúrio ... disseram-me posteriormente que muitos homens desse planeta conversam com os espíritos e, em consequência, têm conhecimento sobre os assuntos espirituais e sobre os estados da vida depois da morte”⁸.

Assim, o caminho estava aberto para que na Terra a mesma prática fosse levada a cabo, e o comércio com os seres espirituais passasse a ser feito amiúde. Quanto à Lua, revela-nos Swedenborg que:

“Os espíritos e anjos sabem que na lua existem habitantes ... pois onde há um planeta, ali há seres humanos. O homem é o fim último da existência dos planetas e seus satélites e nada foi criado pelo Supremo Criador sem um fim”⁸.

Kant, em “Sonhos de um Visionário” de 1.766⁹, apressou-se em criticá-lo, iniciando a tradição de considerar tais alegações como frutos do fanatismo e da enfermidade, tese que teve sucesso especialmente entre os psiquiatras. Assim, Swedenborg seria vítima de delírios sensoriais, talvez de uma disfunção do sistema nervoso, que projeta para fora fenômenos originalmente internos. Por fim, declara vão e enganoso qualquer projeto metafísico deste tipo. Entretanto não encampo a posição de Kant, visto que esta se funda numa concepção muito particular de ciência, na qual esta, após um período de progresso, atinge um estágio perfeito, acabado. Na “Crítica da Razão Pura” vemos que isto teria se dado com a matemática já entre os gregos, e na cosmologia com Newton. Assim, as afirmações de Swedenborg estariam para além do conhecimento humano, e o agnosticismo seria a única posição aceitável para o pensador racional. Afastada a possibilidade de verificação, resta a convicção “sã” de que se trata de um louco, devido a uma concepção estrita das possibilidades da razão e de seu funcionamento adequado. Como penso que a ciência não alcança jamais um estágio final de certezas apodíticas mas, pelo contrário, está sempre a sofrer mudanças, e que a desqualificação do adversário é uma estratégia ilegítima que, se popularizada na ciência, pode recolocar o pedigree acima dos enunciados, siga pela rota que afirma que tais posições podem ser verificadas, e no caso, mais precisamente, falseadas cientificamente.

Não obstante o debate se instalar, as idéias do vidente sueco fizeram fortuna, especialmente nos países de fala inglesa. O pai do filósofo Willian James, por exemplo, educou-o nessa perspectiva e foi assistindo reuniões espíritas que o célebre estudioso dessas questões foi criado.

Em 1.857 Allan Kardec faz publicar um livro de autoria atribuída aos espíritos superiores¹⁰, definidos como aqueles que têm proximidade a Deus – que por sua vez é entendido como o criador inteligente e consciente do universo. Esse livro gerou uma religião muito popular na França e depois no Brasil que, de diferente da de Swedenborg possui o dogma da

reencarnação, e a teodicéia que dele deriva. Se considerarmos o painel anteriormente traçado da religião védica, veremos que o que se passa na Europa parece retrilhá-lo: Swedenborg está para o primeiro momento do bramanismo assim como Kardec para o segundo.

Questionados quanto a origem das espécies animais, os espíritos de Deus enviados para regenerar a Terra incorrem no mais crasso criacionismo – se tivessem solicitado a opinião de um de seus mais fervorosos adeptos encarnado, Alfred Russel Wallace (co-autor da teoria da evolução, geralmente atribuída apenas a Darwin), teriam obtido com certeza alguma luz. Pergunta Kardec:

“20 – ...

– De onde vieram os seres viventes sobre a terra?

“A terra encerrava os germes que esperavam o momento favorável para se desenvolver”.

– Existem ainda seres que nascem espontaneamente?

“Sim, mas o germe primitivo existia já em estado latente. Vós sois todos os dias testemunhas deste fenômeno.

Os tecidos do homem e dos animais não encerram os germes de uma multidão de vermes que esperam para eclodir a fermentação pútrida necessária à sua existência? É um pequeno mundo que dorme e que se cria”.

Como complemento dessas respostas assinalam os espíritos:

“20 – No começo, tudo era caos. A terra estava desabitada, os elementos estavam confundidos; e nada do que vive podia existir; mas ela continha no seu seio o princípio orgânico de todos os seres.

Pouco a pouco cada coisa tomou o lugar assinalado pela natureza, os princípios orgânicos se reuniram desde que cessou a força que os mantinha afastados, e eles formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes permaneceram no estado latente e inerte, como a crisálida e as sementes de nossas plantas, até o momento propício para a eclosão de cada espécie: então os seres de cada espécie se uniram e se multiplicaram”.

Na continuidade das perguntas lemos que o homem também seria uma dessas sementes animais (nota I às perguntas), fruto da geração espontânea:

“ 21 – A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?

“Sim”.

“ 21 – A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre; ela veio ao seu tempo, e é o que tem feito dizer que o homem foi formado do limo da terra”.

Dois anos depois Darwin publica a obra que estava gestando desde vinte anos antes, sobre a origem das espécies, forçando Kardec e seus espíritos a reverem sua posição inicial, porém nunca além de um recalci-trante lamarkismo, de suas últimas edições em vida. De forma geral “A Origem Das Espécies” solapa o último torrão das escrituras intocadas pela ciência, desacreditando definitivamente os testamentos como textos de verdades factuais.

Na astronomia, lemos em “O Livro dos Espíritos” que todos os mundos são habitados por seres materiais que, se não possuem a forma humana, como queria Swedenborg, possuem ao menos sua essência, a razão:

“17 – Todos os globos que circulam no espaço são habitados?

“Sim”.

– Os outros mundos são habitados por seres inteligentes como o homem?

“Sim, e o homem da terra está longe de ser, como ele crê, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição.

Existem entretanto homens que se crêem bastante fortes, que imaginam que somente este pequeno globo tem o privilégio de ter seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o universo só para eles”.

Como algumas lideranças espíritas, intelectualmente irresponsáveis, têm insistido que os espíritos e Kardec falavam da vida espiritual noutros planetas e não da material, vamos reforçar nossas citações. No capítulo III, intitulado “Mundo Corporal” (em oposição ao capítulo intitulado “Mundo Espiritual”), lemos a seguinte definição:

“23 – O mundo corporal compõe-se de todos os seres orgânicos considerados como formados de matéria, que existem sobre a terra e nos outros globos do universo”.

Então o próprio Kardec torna a perguntar:

“23 – O mundo corporal está limitado à terra que habitamos?

“Não, pois todos os mundos do universo são povoados de seres vivos”.

Na nota III ao texto, vemos o retorno ao swedenborgianismo:

“Segundo os espíritos, de todos os globos que compõe nosso sistema planetário, a terra é um daqueles cujos habitantes são os menos avançados física e moralmente. Marte lhe seria ainda inferior. Eles poderiam ser classificados na ordem seguinte, a começar pelo último grau: Marte e muitos outros pequenos globos, a Terra, (Mercúrio, Saturno), (a Lua, Vênus), (Juno, Urano), Júpiter; sem contar, bem entendido, os milhares de mundos desconhecidos que compõe os outros turbilhões, e entre os quais existem ainda bem superiores.

Muitos espíritos, que animaram pessoas conhecidas sobre a terra, disseram estar reencarnadas em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição ...”.

Na “Revista Espírita” diz Kardec que recebeu centenas de mensagens com teor semelhante, o que leva a crer que elas faziam o dia a dia de suas reuniões. Sobre a Lua e outros astros, escreve Kardec¹¹:

“tal raciocínio acha-se confirmado pela revelação dos Espíritos. Realmente eles nos ensinam que todos esses mundos são habitados por seres corpóreos, apropriados à constituição física de cada globo; que entre os habitantes desses mundos uns são mais, outros menos adiantados que nós, do ponto de vista intelectual, moral e mesmo físico. Ainda mais: hoje sabemos que é possível entrar em relação com eles e obter esclarecimentos sobre seu estado; sabemos ainda que não só todos os globos são habitados por seres corpóreos, mas que o espaço é povoado por seres inteligentes, invisíveis para nós” (pág. 07).

Sobre a superioridade moral¹¹:

“A Lua e Vênus são mais ou menos do mesmo grau e, sob todos os aspectos, mais adiantados que Mercúrio e Saturno” (págs. 70 e 71).

Quando Armstrong deu seus passos sobre a Lua, a humanidade caminhava muito mais do que ele poderia imaginar.

NOTAS

1. Em 889, de b1 a c6. Citado por Gregory Vlastos, in "O Universo de Platão", nota 34; Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1987.
2. "Os Pré-Socráticos", coleção *Os Pensadores*, Editora Abril Cultural, São Paulo, 1978.
3. Robillard, Edmond; "Reencarnação, Sonho ou Realidade", Edições Paulinas, São Paulo, 1984. Toda esta passagem referente à Índia está baseada neste texto.
4. Peters, F. E.; "Termos Filosóficos Gregos", verbete *palingenesia*. Tradução de Beatriz Rodrigues Barbosa, 2ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1974.
5. Platão, "Timeu", 41e – 90e; coleção *Amazônica*, tradução de Carlos Alberto Nunes, Belém, 1986.
6. Para se saber mais acerca da popularidade que o espiritismo desfrutou e o início da investigação científica sobre o tema ler *Stevenson*, Ian; "Research Into The Evidence Of Man's Survival After Death – A Historical And Critical Survey With a Summary Of Recent Developments", in *The Journal Of Nervous And Mental Disease*, Universidade de Maryland, 1977.
7. Swedenborg, Emanuel; "O Mundo dos Espíritos, Segundo o que Lá Foi Ouvido e Visto", Editora Razão Social, tradução de Sérgio Luiz R. Medeiros, São Paulo, 1992.
8. Swedenborg, Inmanuel; "De Planetas y Angeles" (antologia), Miraguano Ediciones, por Jesús Imirizaldu, Madri, 1988. A tradução dos trechos em português foram feitas por mim.
9. Kant, Inmanuel; "Los Sueños de un Visionario Explicados por os Sueños de la Metafísica", tradução, introdução e notas de Pedro Chacón e Isidoro Reguera, Aliança Editorial, Madrid, 1987.
10. Kardec, Allan; "Le Livre des Esprites – Écrit Sous la Dictée Et Publié Par L'Ordels D'Esprits Supérieurs", primeira edição francesa de 1857, fac-similada por Canuto Abreu, 1957. A tradução dos trechos em português foram feitas por mim.
- 11) "Revista Espírita/Jornal de Estudos Psicológicos", artigo de março de 1858 – "A Pluralidade Dos Mundos", publicada sob a direção de Allan Kardec, 1º ano/1858, tradução de Júlio Abreu Filho, Edicel/S.P.